

# SUBALTERNIDADE DA MULHER NA LITERATURA BRASILEIRA NO CONTO EU E JIMMY DE CLARICE LISPECTOR

## SUBALTERNITY OF WOMEN IN BRAZILIAN LITERATURE IN THE TALE US AND JIMMY OF CLARICE LISPECTOR

Jaciara Borges Guimarães 1  
Maria Perla Araújo Morais 2

Mestranda em Estudos Literários, na Universidade Federal 1  
do Tocantins – UFT, Campus de Porto Nacional – TO. E-mail:  
jaciaraaguimaraes77@hotmail.com

Docente da área de literatura do Curso de Letras, na 2  
Universidade Federal do Tocantins – UFT, Campus de Porto Nacional –  
TO. E-mail: perlamorais@gmail.com

**Resumo:** O presente artigo tem o intuito principal de discorrer sobre a subalternidade feminina na sociedade brasileira do século XX, no entanto, reservaremos um espaço na pesquisa para enfatizar a relação intrínseca que há entre literatura e história. Discussão esta, fundamental para pontuar os acontecimentos históricos e literários que facilitaram para a subalternidade da mulher. Em seguida, identificar os aspectos da literatura que contribuíram no processo de propagação do discurso patriarcal até meados do século XIX, depois verificar essa mesma literatura como instrumento de conquista feminina na esfera social, política e literária no século XX e para exemplificar as reflexões acerca do tema, o conto *Eu e Jimmy* (1940), extraído do livro “*Histórias Interrompidas*” da autora brasileira Clarice Lispector que faz uma crítica à submissão da mulher.

**Palavras-chave:** Subalternidade. Literatura. História. Lispector.

**Abstract:** The present article has the main purpose of discussing the feminine subalternity of twentieth century Brazilian society, however, we will reserve a space in the research to emphasize the intrinsic relation between literature and history. This discussion is fundamental to punctuate the historical and literary events that facilitated the subalternity of women. Then, to identify the aspects of the literature that contributed in the process of propagating the patriarchal discourse until the middle of the nineteenth century, then to verify this same literature as an instrument of social conquest in the social, political and literary sphere in the twentieth century and to exemplify the reflections on the Theme, the tale *I and Jimmy* (1940), extracted from the book “*Stories Interrupted*” by the Brazilian author Clarice Lispector who criticizes the submission of women.

**Keywords:** Subalternity. Exclusion. Literature. History. Lispector.

## Introdução

Irrefutavelmente, na história geral é possível verificar a exclusão das mulheres pela sociedade patriarcalista; sendo privadas dos ambientes sociais, culturais, políticos e literários, uma vez que, a literatura era um espaço reservado à figura masculina. Dessa forma, as mulheres associadas à inferioridade permaneceram à mercê dessa opressão, tendo apenas uma falsa ilusão de “liberdade”, afinal frequentavam tão-somente os locais julgados adequados a elas, de maneira que restavam exclusivamente os serviços domésticos, a educação dos filhos e a submissão ao marido como função admissível para época.

Até meados do século XIX a sociedade brasileira considerou natural a postura autoritária do homem sobre a mulher, só perdendo força em um processo lento, à medida que o sujeito feminino começou a se ver capaz de desenvolver as atividades até então estereotipadas masculinas. Com nova perspectiva a condição de subalternidade, deu início há uma moldagem positiva na vida dessas mulheres, principalmente no meio literário, campo fundamental para essa mudança da postura submissa da mulher na contemporaneidade brasileira.

Pautado nessa exclusão sofrida pelas mulheres e na luta infindável por igualdade entre os sexos, o estudo propõe evidenciar em uma ótica literária, os fatores que favoreceram para essa subalternidade feminina e depois como instrumento de visibilidade feminina na história brasileira. Para isso, se faz necessário o diálogo dos pensamentos de teóricas como; Spivak e Hollanda, entre tantas outras que se voltaram para as questões femininas. Paralelamente, sob essa perspectiva da exclusão e do posterior ganho de poder, analisaremos um dos primeiros contos da autora brasileira Clarice Lispector (1920-1977), escrito na década de 40, *Eu e Jimmy (1940)*, extraído do livro *Primeiras Histórias (1940)*, que vai refletir sobre a fragilidade da mulher diante dos costumes e normas já fixadas pelo domínio masculino, tema recorrente nas obras da autora.

A predileção pela autora modernista se deu por ela sempre se posicionar para além do seu tempo, conseguindo transpor a “desigualdade” entre os dois sexos; desmistificando a posição das mulheres, sempre vinculadas à subjetividade enquanto os homens eram vinculados a racionalidade.

A escritora e jornalista Chaya Pinkhasovna Lispector, posteriormente reconhecida como Clarice Lispector nasceu na cidade de Chechelnyk, na Ucrânia, no dia 10 de dezembro de 1920. Filha de família de origem judaica, seu pai Pinkhas e sua mãe Mania Lispector emigraram para o Brasil em março de 1922, para a cidade de Maceió, no estado de Alagoas, onde morava Zaina, irmã de sua mãe. Aos nove anos, em meio à crise econômica ver-se orfã de mãe.

Clarice Lispector formou em direito em 1943, nesse mesmo ano estreou na literatura com romance *Perto do coração selvagem (1943)*, obra bem aceita pela crítica, recebendo o Prêmio Graça Aranha.

Desse modo é que Clarice Lispector é considerada uma das grandes colaboradoras na abordagem do imaginário feminino e suas relações interpessoais, pois a mulher é uma figura constante em sua obra. Desde seu primeiro livro, *Perto do coração selvagem (1943)*, até o último lançado postumamente, *A bela e a fera (1979)*, a mulher surge como foco da narrativa, salientando as particularidades do discurso da autora e sua contribuição para a construção de um novo perfil de mulher vigente na sociedade contemporânea. Através das personagens de Clarice temos a representação da mulher comum, seu cotidiano e conflitos, conforme destaca Lucia Helena:

A obra de Clarice Lispector ao falar sobre a condição da mulher, e ao inscrevê-la como sujeito da estória e da história não se limita à postura representacional de espelhar tal qual o mundo patriarcal e denunciá-lo, como se mergulhássemos nas águas de uma narrativa de extração neonaturalista. Nela se constrói, isto sim, um campo de meditação (e de mediação) em que se aprofunda o questionamento das relações entre a literatura e a realidade (HELENA, 1997, p. 109).

Sua obra está repleta de cenas do cotidiano e tramas psicológicas, sendo considerada uma de suas principais características a epifania das personagens comuns em situações cotidianas. Ao adotar tal postura, a autora forneceu um rico material literário para a crítica feminina do século XX.

## A história da mulher brasileira numa ótica literária

### Literatura e História dois campos conexos

Antes de aprofundar na complexa construção da subalternidade da mulher no cenário da literatura brasileira, e posteriormente os acontecimentos históricos que colaboraram na construção literária dessa história de opressão e luta, falaremos, ainda que sumariamente, sobre o diálogo entre literatura e história, uma vez que compreender a aproximação entre esses dois campos de estudos da permeabilidade que ocorre entre a trajetória da mulher e o reflexo desta trajetória na literatura brasileira.

Sobre esse tema, Compagnon (1999, p. 223) traz a afirmação do *Journal des Goncourt*, em 1962, nos mostrando o quanto essa discussão é antiga e pertinente:

No *Journal* dos Goncourt em 1862: “A história é um romance que foi; o romance é a história que poderia ter sido.”

A partir de então, que será uma história literária, senão, muito mais modestamente que no tempo de Lanson ou mesmo no de Jauss, uma justaposição, uma colagem de textos e de discursos fragmentários ligados a cronologias diferenciais, alguns mais históricos, outros mais literários.

Como observado acima, desde muito tempo que se percebe a literatura e a história como campos conexos, Compagnon (1999, p.196); percebendo essa relação dialógica entre história e literatura afirma que, “a literatura muda porque a história muda em torno dela.” Nas obras literárias os reflexos da vida social estão presentes nos discursos das personagens, e nesse diálogo entre literatura e história, a trajetória das mulheres não é diferente, sendo influenciada – enquanto influencia o seu tempo.

Em consonância a essa intrínseca relação entre o campo literário e o histórico, torna-se perceptível nas obras literárias à opressão, a invisibilidade, o confinamento e o silenciamento como sinônimos vinculados à figura feminina na história da humanidade. Ao refletir aspectos sociais nas obras literárias, é possível identificar as regras da sociedade patriarcalista na fala e comportamento das personagens femininas.

Apesar de a literatura não ter pretensões de refletir acontecimentos históricos, nem ter qualquer obrigação com o factual, em algum momento da escrita o autor reflete momentos da sua realidade na fala dos seus personagens, em seus narradores, no espaço do romance ou mesmo para se posicionar diante de assuntos que surgem durante o processo criativo.

### Episódios da opressão feminina

Com base nessa aproximação entre os dois campos de estudo, percebe-se a origem da opressão patriarcal à mulher. No trabalho de Frederich Engels (1987), em especial na obra intitulada *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*; este explica que a princípio, na sociedade primitiva, a capacidade de reprodução da espécie humana, tarefa exclusivamente feminina, foi um fator desencadeador na sua subordinação diante dos homens. Pois, os longos períodos de recuperação após dar a luz impossibilitavam-nas de desempenharem outras funções, sendo rotuladas como frágeis e incapazes de gerenciar o próprio núcleo familiar ou qualquer outro. Dessa forma, essas concepções foram sendo disseminadas, fixando raízes profundas nas civilizações.

O regime de absoluta obediência iniciado ainda na infância com a figura autoritária do pai, estende na fase adulta com a dedicação exclusiva ao marido. Essas regras impostas pela sociedade patriarcal acabaram por ser internalizada pelas mulheres, conforme Beauvoir (1980, p. 9-10), em seu livro *O Segundo sexo* discorre:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.

Se, bem antes da puberdade e, às vezes, mesmo desde a primeira infância, ela já se apresenta como sexualmente especificada, não é porque misteriosos instintos a destinem imediatamente à passividade, ao coquetismo, à maternidade: é porque a intervenção de outrem na vida da criança é quase original e desde seus primeiros anos sua vocação lhe é imperiosamente insuflada.

Esse condicionamento camuflado moldou a postura feminina, e solidificou na sociedade a divisão entre os sexos. Com consequência da visão negativa relacionada às mulheres, estas se viram cada vez mais excluídas e silenciadas – processo intensificado pela negação ao acesso à educação, algo restrito aos homens. Às mulheres, restavam os conventos, ou então, aulas particulares em casa para aprender unicamente a se comportarem dentro e fora da esfera doméstica. Como mostra Duarte (2003, p.153):

A primeira legislação autorizando a abertura de escolas públicas femininas data de 1827, e até então as opções eram uns poucos conventos, que guardavam as meninas para o casamento, raras escolas particulares nas casas das professoras, ou o ensino individualizado, todos se ocupando apenas com as prendas domésticas.

As rigorosas limitações de ensinar o essencial, como; cozinhar e costurar dentre outros afazeres domésticos, desencadeou um regime opressivo, de proibição à escola, de negação a uma educação voltada para atividades que desenvolvessem as aptidões intelectuais. Tais questões são facilmente identificadas nas obras do cânone brasileiro, a exemplo os romances urbanos do autor José de Alencar, narrativas voltadas à representação dessa postura submissa do sujeito feminino.

A literatura serviu como uma importante ferramenta para desencadear fatores importantes na história feminina; primeiramente, como apropriação do discurso do outro, no caso da mulher. Para disseminar os seus próprios discursos, com representações literárias feitas a partir do olhar masculino contribuiu profundamente para enaltação do homem herói e superior.

No campo da literatura, destaca-se a escritora maranhense Maria Firmina dos Reis (1825-1917) que ganhou visibilidade com o livro intitulado *Úrsula (1859)*, obra de indiscutível qualidade literária, e considerada como primeira obra brasileira de autoria feminina. Ela, como poucas mulheres do século XIX, enxergou no acesso à educação, a oportunidade de desvincular da figura masculina, e pensar em uma possível liberdade desse período de formação de um cânone literário marcadamente masculino, branco e elitista.

Assim como Maria Firmina, existiram outras que se preocuparam com a posição da mulher na sociedade, no entanto solitárias nessa luta, não possuíam forças para o rompimento dos muros há anos sendo construídos sobre o alicerce da exclusão feminina. Lemaire (1994, p.1) destaca as interferências dos discursos:

Genealogia nas sociedades patriarcais do passado: o primeiro, a sucessão de escritores brilhantes. Em ambos os casos, as mulheres, mesmo que tenham lutado com heroísmo ou escrito brilhantemente, foram eliminadas ou apresentadas como casos excepcionais, mostrando que, em assuntos de homem, não há espaço para mulheres “normais”.

Somente a partir dos séculos XIX e XX é possível ver as significativas perdas do discurso opressor e a evolução da figura feminina nas representações literárias e mesmo na própria escrita de autoria feminina, a exemplo disso, temos a escritora inglesa Virgínia Woolf que escreveu em 1929 *A Room of One's Own* (Um teto todo seu) elecando questões sobre práticas históricas, e a francesa Simone de Beauvoir que imprimiu nas suas obras a incompletude da história imposta como verdade e universal.

No registro histórico as mulheres ficaram conhecidas como seres imersos na vida doméstica, sem pretensões ou mesmo capacidade de desenvolver outras atividades que não fossem as já predestinadas a elas. Como no início da pesquisa, a literatura foi um dos instrumentos que conseguiu

desestabilizar essa total inércia da mulher diante da dominação masculina. E uma das vozes femininas mais importantes no cenário da literatura brasileira, foi a autora Clarice Lispector que desde as primeiras obras já imprimia a sua e da sociedade as tantas inquietudes, e principalmente em relação à subalternidade da mulher.

## **O subalterno mundo da mulher**

### **A voz subalterna na Literatura Brasileira**

Conforme discursão anterior é marcante na história da humanidade o domínio absoluto que o homem exerceu na vida particular e social das mulheres, e na literatura não foi diferente, basta observar a predominância masculina no seletor cânone literário; grandes escritores que procuraram representar o sujeito feminino nas suas obras, usurpando suas vozes, e contribuindo para a subalternidade das mulheres. De início, é apropriado salientar o termo subalterno, no prefácio Almeida (2010, p.5) retoma a fala de Spivak:

Para ela, o termo deve ser resgatado, retomando o significado que Gramsci lhe atribui ao se referir ao “proletariado”, ou seja, áquele cuja voz não pode ser ouvida. O termo subalterno, Spivak argumenta, descreve “as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante”.

No ensaio, “Pode o subalterno falar?”, Gayatri Spivak (2010) mostra o sujeito subalterno, aquele sem voz política, ou com voz, porém não consegue ser ouvida. Enfatiza ainda, o importante papel do intelectual em abrir espaço de fala a este sujeito subalterno. Nota-se ainda, o discurso sobre a violência epistêmica imperialista sofrida pelo subalterno, e aponta como o sujeito feminino encontra-se numa posição de maior desfavorecimento, já que, sofre também com a dominação masculina perpetuada pela construção ideológica de gênero.

Sendo assim, com base na teoria pós-colonial de Spivak, podemos perceber que embora tenha acabado politicamente o colonialismo, ainda é observado o discurso do colonizador sendo perpetuado socialmente no discurso e na mentalidade ocidental. Ainda comenta Spivak (2010, p.14), apesar desse processo de inferiorização do outro pelo ocidente, é possível criar possibilidades para que o outro, subalterno, tenha a chance de falar e ser ouvido:

A tarefa do intelectual pós-colonial deve ser a de criar espaços por meio dos quais o sujeito subalterno possa falar para que, quando ele ou ela o faça, possa ser ouvido(a). Para ela, não se pode falar pelo subalterno, mas pode-se trabalhar “contra” a subalternidade, criando espaços nos quais o subalterno possa se articular e, como consequência, possa também ser ouvido.

Ainda menciona Almeida (2010, p.12), a respeito dessa prática, alguém desse indivíduo representado:

Desvela o lugar incômodo e a cumplicidade do intelectual que julga poder falar pelo outro e, por meio dele, construir um discurso de resistência. Agir dessa forma, Spivak argumenta, é reproduzir as estruturas de poder e opressão, mantendo o subalterno silenciado, sem lhe oferecer uma posição, um espaço de onde possa falar e, principalmente, no qual possa ser ouvido.

Conforme Spivak (2010, p.14) frisa; “refere-se ao fato de a fala do subalterno e do colonizado ser sempre intermediada pela voz de outrem, que se coloca em posição de reivindicar algo em nome de um(a) outro(a)”. O indivíduo masculino por anos sentiu-se capaz de falar pela mulher, uma prática tão recorrente na literatura, e que não abarca realmente a complexidade desse sujeito.

## A crítica no conto *Eu e Jimmy*

Notado como se deu a apropriação do discurso feminino e o desencadeamento no processo de invisibilidade das mulheres, segue a discussão pautada no conto *Eu e Jimmy* (1940) da autora Clarice Lispector.

Clarice Lispector revela a construção de um imaginário feminino tecido através das mais variadas relações entre as personagens, e salienta a importância da mulher na narrativa, levando o leitor a refletir sobre a existência feminina na casa, na escola e nos demais ambientes sociais. Nunes (2009, p.119) infere:

Nos personagens de Clarice Lispector, o *Eu* ameaçado, contestado, fica em suspenso e deixa-nos entrever a existência pura, contingente, irredutível ao controle da vontade e ao entendimento. É essa existência absurda, ameaçadora e estranha, revelando-se nos indivíduos e a despeito deles, o único fundo permanente de encontro ao quais as figuras criadas pela romancista se destacam e de onde retiram a densidade humana que as caracteriza.

De maneira geral, as obras da autora narram o universo feminino e refletem aos questionamentos da época. Partindo do discurso do próprio subalterno na construção narrativa, Lispector conseguiu romper com a prática de falar da mulher segundo uma ótica masculina. Essa atitude adotada por Lispector possibilitou uma melhor aceitação da mulher nas várias esferas, como comenta Showalter (1993, p.37):

Lamentou Xavière Gauthier: “Enquanto as mulheres permaneceram em silêncio, elas estarão fora do processo histórico. Mas, se elas começarem a falar e a escrever como os homens fazem, entrarão para as histórias subjugadas e alienadas; é uma história que, logicamente falando, seu discurso deveria romper.”

No fragmento, observa que as mulheres precisavam reagir à opressão, porém a prática de escrita pautada na visão masculina prolongou o processo de alienação e anulação desse sujeito subalterno. Contrária a essa postura, Clarice Lispector impôs uma escrita que partia do olhar feminino sobre o ambiente feminino, um momento de descobertas de si mesma e de reconhecimento do espaço. A autora mostra a importância dessa linguagem desvinculada do discurso masculino para construção do sujeito feminino.

De maneira a explicar essa inércia das mulheres nas representações literárias, o conto *Eu e Jimmy* (1940) extraído do livro *Primeiras Histórias*. Na narrativa a personagem feminina; tema recorrente nas narrativas claricianas mostra a alienação da mulher em relação ao sujeito masculino. Logo no início do conto Lispector (2016, p.78-79) descreve:

Que podia eu fazer, afinal? Desde pequena tinha visto e sentido a predominância das ideias dos homens sobre a das mulheres. Mamãe antes de casar, segundo tia Emília, era um foguete, uma ruiva tempestuosa, com pensamentos próprios sobre liberdade e igualdade das mulheres. Mas veio papai, muito sério e alto, com pensamentos próprios também, sobre... liberdade e igualdade das mulheres. O mal foi a coincidência de matéria. Houve um choque. E hoje mamãe cose e borda e canta no piano e faz bolinhos aos sábados, tudo pontualmente e com alegria. Tem ideias próprias, ainda, mas se resumem numa: a mulher deve sempre seguir o marido, como a parte acessória segue a essencial (a comparação é minha, resultado das aulas do Curso de Direito).

Percebe-se no trecho, a discussão até aqui discutida, a autora por meio da fala da personagem traz questionamentos a respeito dessa subalternidade, considerada “natural” diante

da figura masculina. Lispector (p.79); “Por isso e por Jimmy, eu também me tornei natural”. Outro fator relevante e que dá suporte para as teorias apresentadas é como a literatura acaba refletindo essa realidade velada e conseqüentemente contribuindo para validar uma mudança de postura da mulher diante da sociedade em que se encontra.

O enredo foca na simplicidade do sentimento entre os sexos, tecendo uma crítica à submissão da mulher. A personagem feminina vê Jimmy a levezza de pensamentos “liberais” que a possibilitavam agir conforme sua vontade, e não como imposição. O período de escrita do conto reflete ao momento em que as mulheres começaram a frequentar as universidades e até mesmo trabalhar, só que toda essa liberdade estava atrelada fortemente aos costumes patriarcais.

O personagem Jimmy personifica esse momento da sociedade, dar impressão de uma falsa liberdade feminina, mas que ao final transparece a forma ríspida a qual as mulheres eram impostas.

Lispector (2016, p.78); “Lembro-me de Jimmy, de seus cabelos e de suas ideias. Jimmy achava que nada existe de tão bom quanto à natureza. Que se duas pessoas se gostam nada há a fazer senão amarem-se, simplesmente.” O comportamento do personagem masculino representa a liberdade e igualdade, porém ao longo da narrativa o leitor depara com a crítica da autora Clarice Lispector com o papel subalterno da mulher e também evidencia o processo de introspecção da personagem principal, um mecanismo usual nas obras da autora brasileira. No excerto, Lispector (2016, p.80) mostra a ruptura de ambas às personagens:

Jimmy estava nervoso. Disse-me uma série de desaforos, que eu não passava de uma mulher, inconstante e borboleta como todas. E ameaçou-me: eu ainda me arrependerei dessa mudança súbita. Em vão tentei explicar-me com as suas teorias: eu gostava de alguém e era natural (...)

A partir desse ponto, a narrativa sofre um rompimento dos dois personagens principais, uma vez que, a atitude de Jimmy é contrária aos ideais liberais que dizia ter. Jimmy protagonizou uma cena que reflete a postura da sociedade da época do conto (1940), de pregar uma igualdade entre os sexos, mas que continuavam pautados no discurso patriarcal. Lispector (2016, p.81) finaliza com a fala de uma terceira personagem:

Minha avó, uma velhinha amável e lúcida, a quem contei o caso, inclinou a cabecinha branca e explicou-me que os homens costumam construir teorias para si e outras para as mulheres. Mas, acrescentou depois de uma pausa e um suspiro, esquecem-nas exatamente no momento de agir... (...)

Minha querida, os homens são uns animais.

Quando abri as janelas do quarto e olhei o jardim fresco e calmo aos primeiros fios de sol, tive a certeza de que não há mesmo nada a fazer senão viver. Só continuava a me intrigar a mudança de Jimmy. A teoria é tão boa!

De maneira geral, a crítica presente no conto reflete a postura alienada que as mulheres do século XX ainda encontravam inseridas. Mesmo partilhando de um espaço declarado unificador era claro deparar com situações de extrema opressão. Além disso, o conto mostrou o outro lado, em que a mulher pode e deve posicionar de maneira crítica e segura diante de situações de inferiorização do sujeito feminino.

## **Considerações Finais**

Portanto, em virtude dos aspectos abordados, ratifica aqui, a trajetória de submissão feminina na história brasileira. As mulheres lidaram com os mais variados preconceitos, desde o frágil corpo feminino a inferioridade intelectual, nas várias esferas sociais.

Na literatura, o cânone brasileiro de predomínio masculino representou por anos as mulheres em uma ótica completamente patriarcal. Os livros desses renomados autores, como Jose de Alencar entre vários outros, representou o sujeito feminino como o sexo frágil, destinadas aos

afazeres domésticos e a submissão ao pai e ao marido.

Dessa forma, a presente pesquisa buscou seguir os rastros dessa subalternidade feminina, mas para isso foi essencial discutir brevemente questões que estão perpassadas nessa história.

Para chegar ao subalterno mundo feminino identificado nas obras literárias, foi preciso recorrer às abordagens teóricas que enfatizam a intrínseca relação história e literatura, uma vez que, são campos de estudos que claramente evidenciam uma aproximação, a literatura acaba trazendo para dentro das obras resquícios da realidade vivenciada pelo autor, e a história enfatiza aspectos vistos pela ótica do historiador e acaba por excluir as outras variantes de um mesmo fato.

Percebe-se que as obras literárias ajudaram a contar através de uma visão masculina a história das mulheres, porém, foram versões que proliferaram aspectos negativos em relação às mulheres. As vozes usurpadas por homens contribuíram para o anulamento quase por completo das mulheres do convívio social, político, cultural e literário. Os discursos femininos manipulados refletiram no próprio discurso desse sujeito dominado, somente nos séculos XIX e XX que tal postura feminina começou a vislumbrar uma perspectiva diferente, lógico que, outras vezes tentaram através da literatura se fazer ouvir, mas, como discutido, foram séculos de anulamento, portanto, uma tarefa árdua romper com essas barreiras.

No conto, *Eu e Jimmy* tece justamente essa crítica feroz do papel subalterno das mulheres. A autora Clarice Lispector, através do personagem Jimmy mostra como a postura da sociedade patriarcalista ainda está presente no século XX.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

CERRADOS: revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UnB. "**Palavra e Poder: Representações na Literatura de Autoria Feminina (I)**". Vol. 20, nº. 31, Brasília: UnB. 2007.p.132.

COMPAGNON, Antonie. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil**. Estudos avançados, São Paulo, v. 17, n. 49, p.151-172, 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340142003000300010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340142003000300010&script=sci_arttext). Acesso: 03 de fevereiro de 2017.

\_\_\_\_\_. **Arquivos de mulheres e mulheres anarquizadas: histórias de uma história mal contada**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº 30. Brasília, julho-dezembro de 2007, pp. 63-70.

DUBY, Georges; PERROT, Michéle. **A história das mulheres no Ocidente: A Antiguidade - vol.I**. Porto: Edições Afrontamento, 1993.

HOLLANDA, H.B. Feminismo em tempos pós-modernos. In: \_\_\_\_\_. (Org.) **Tendências e Impasses: O Feminismo como Crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.p.7-19.

LEMAIRE, Ria. Repensando a história literária. In: Heloísa Buarque de Hollanda. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.p.1-6.

LISPECTOR, Clarice. **Todos os contos/Clarice Lispector**; organização de Benjamim Moser. --- 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

NUNES, Benedito. **O dorso do tigre**. São Paulo: Ed.34, 2009



SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: \_\_\_\_\_. **Tendências e Impasses: O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.p.23-93.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Tradução ALMEIDA, Sandra; FEITOSA, Marcos; FEITOSA, André. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2010.

Recebido em 1º de fevereiro de 2018.

Aceito em 23 de março de 2018.